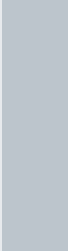


Orientações para a escrita de notícias e textos relacionados com violência sexual



**QUEBRAR
O SILÊNCIO**



 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
SECRETÁRIA DE ESTADO DA
IGUALDADE E MIGRAÇÕES

Orientações para a escrita de notícias e textos relacionados com violência sexual

A violência sexual é crime e uma experiência potencialmente traumática e que é comumente noticiada nos diferentes órgãos da comunicação social. Analisando as diferentes publicações, observa-se a ausência de uma linha orientadora que contribua para uma terminologia rigorosa e que possibilite a informação correta do público sobre estas matérias.

De acordo com o Dart Center for Journalism and Trauma, da Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, «reportar crimes de violência sexual exige um cuidado especial e uma grande sensibilidade ética. Requer competências específicas para a realização de entrevistas, compreensão da lei e consciência básica do impacto psicológico do trauma». Deste modo, além da utilização de uma linguagem e comunicação adequadas, é essencial que se encontre a sensibilidade e o contexto necessários para falar de uma experiência traumática que é extremamente pessoal, mas que se prende também com questões de saúde pública, legais e políticas.

No que diz respeito à linguagem, a utilização de determinados conceitos e expressões, tal como a seleção de detalhes e conteúdos, podem reforçar narrativas erradas e contribuir para a solidificação de mitos e crenças sobre as vítimas e abusadores.

Quando se aborda o tema da violência sexual é fundamental ter em mente algumas questões centrais, nomeadamente, de que não se tratam de situações raras, pontuais ou exclusivas a determinados grupos, comunidades ou meios socioeconómicos. É essencial que ao reportar um crime de violência sexual, o mesmo seja integrado num contexto mais amplo, consciencializando o público para o facto de não ser um caso único ou uma situação rara.

O objetivo deste guia¹ é fornecer um conjunto de orientações e reflexões, para ser um recurso para a escrita de notícias e de outros conteúdos relacionados com violência sexual.

1. Ainda que as estatísticas indiquem que a maioria dos abusadores são homens, é reconhecido que as mulheres também abusam sexualmente. No entanto, para facilitar a leitura deste guia, optámos por uniformizar a escrita e usar os termos no masculino. Assim, em vez de escrevermos “O/a abusador/a violou a vítima”, escrevemos “O abusador violou a vítima”.

Orientação 1

Usar expressões e conceitos adequados

Violência sexual não é sexo, é crime e uma experiência potencialmente traumática. A utilização de terminologia rigorosa contribui para a disseminação correta e para a solidificação, na opinião pública, da definição de violência sexual, como também contribui para a distinção entre sexo e abuso, entre outros aspetos.

Uma linguagem que seja sexualizada e desfasada da dimensão de crime reduz a dimensão e a gravidade da violência sexual. Também pode dificultar a compreensão, por parte do público, de que se tratou de violência sexual e não de uma experiência sexual.

Uma linguagem sensacionalista (ver caixa “Evite Usar”) retira a atenção do crime e da sua severidade, focando-se em aspectos supérfluos ou menos relevantes. Este tipo de abordagem tende a contribuir para a cultura de culpabilização e responsabilização da vítima.

Evite referir-se ao abusador como «monstro». Contrariamente às estereótipias e mitos, que proliferam no senso comum, os agressores são pessoas com vidas “normais”, que trabalham e têm famílias, frequentemente bem integrados a nível social, familiar e profissional. Designar o agressor de “monstro” remete para a falsa ideia de que somente o perfil de homem socialmente desadequado é que pode agredir sexualmente, o que está longe do que a literatura evidencia. “Monstro” remete também para um perfil estereotipado que não é congruente com a realidade da maior parte dos abusos. Na maioria dos casos, o abusador é alguém próximo da vítima e tem uma relação de confiança com a mesma (Ex: namorado ou familiar).

USE

- “violência sexual”, “abuso sexual”, “violação”, “assédio sexual”, “apalpou”, “coagiu”, “tocou”, “realizou um contacto sexualizado indesejado”, “impôs à vítima contactos sexualizados não consentidos” ou “crime”.
- “abusador”, “violador”, “agressor”, “alegado abusador”, “alegado violador”, “alegado agressor”, “acusado”.

Orientação 1 (cont)

Usar expressões e conceitos adequados

EVITE USAR

- linguagem sexualizada e romantizada que minimiza a violência sexual ou que a reenquadra erradamente como: "sexo", "teve sexo com", "relações sexuais", "teve relações sexuais", "sexo não consensual", "sexo forçado", "beijou", "acariciou", "relação", "envolveram-se sexualmente", "mantiveram relações sexuais".
- linguagem sensacionalista como: "escândalo sexual", "relação polémica", "caso controverso".
- linguagem que indique erradamente que a vítima estava envolvida numa relação consensual com o abusador: "relação durou mais de uma década", "da relação resultou uma filha em comum", "o primeiro beijo entre ambos ocorreu quando...", "os dois conheceram-se...".
- expressões como: "monstro".

Orientação 2

Incluir contactos de entidades de apoio à vítima de violência sexual

Integre os contactos de entidades especializadas no apoio à vítima de violência sexual.

A leitura deste tipo de notícias e textos pode desencadear mal-estar e aumentar o sofrimento das vítimas de violência sexual, ou intensificar sintomatologia relacionada com o abuso sexual. Incluir os contactos de organizações que prestam apoio a vítimas de violência sexual poderá potenciar novos pedidos de ajuda, nomeadamente para vítimas que possam identificar-se com é que referido no texto e que desconhecem as respostas existentes.

Em trabalhos mais extensos, como reportagens, inclua uma advertência inicial que alerte para o tema em questão e para eventuais descrições que possam afetar vítimas ou leitores mais sensíveis.

Quebrar o Silêncio (apoio para homens e rapazes vítimas de abusos sexuais)

Linha de apoio: 910 846 589

Email: apoio@quebrarosilencio.pt

Associação de Mulheres Contra a Violência - AMCV

Linha de apoio: 213 802 165

Email: ca@amcv.org.pt

Emancipação, Igualdade e Recuperação - EIR UMAR

Linha de apoio: 914 736 078

Email: eir.centro@gmail.com

Orientação 3

Usar uma linguagem não culpabilizadora ou responsabilizadora da vítima

A violência sexual é sempre responsabilidade do abusador e nunca da vítima. É importante que as notícias não transfiram a responsabilidade ou culpa, seja parcial ou total, para a vítima, como se esta tivesse tido comportamentos ou atitudes que minimizem o abuso ou o seu estatuto de vítima.

O foco em detalhes pouco pertinentes (Ex: a roupa da vítima, se ingeriu álcool, o número de companheiros ou parceiros sexuais que teve, etc.) reforçam a narrativa de que «a vítima meteu-se a jeito» ou que, de alguma forma, provocou o abusador e pode ter precipitado a própria vitimação. Estas abordagens tendem a reforçar discursos de culpabilização das vítimas e desresponsabilizam os abusadores.

USE

a voz ativa e coloque o abusador como sujeito da frase ao qual o verbo é atribuído: “O abusador violou a vítima”, “O abusador forçou o contacto oral e genital”, “O abusador esperou que a vítima saísse do trabalho”.

EVITE USAR

- a voz passiva por não existir uma atribuição direta e clara de quem faz a ação. Este tipo de estrutura frásica foca o que aconteceu à vítima, em vez de colocar o foco no agressor: “A vítima foi violada”, “Ocorreu uma violação”, “Turistas à boleia são violadas por camionista”, “Violadas depois de uma saída à noite”.
- a vítima enquanto sujeito da frase ao qual o verbo lhe é atribuído: “A vítima foi violada”; “A vítima fez/realizou/executou sexo oral”.

Orientação 4

Não use termos como “admite”, “confessa” ou “revela” em relação à vítima

Terminologia como “admite” e “confessa” implicam responsabilidade e vergonha por parte da vítima, sugerindo que a mesma é de algum modo responsável pelo que aconteceu. Estes termos também remetem para quadros de culpabilização judicial, uma vez que são verbos geralmente associados a agentes de crime que “admitem” ou “confessam” os crimes.

É importante que o texto não atribua qualquer tipo de responsabilidade à vítima, mesmo que de forma indireta.

USE

A vítima “refere”, “afirma”, “diz”, “fala”, “partilha”, “relata”, “indica”, “reporta”.

EVITE USAR

A vítima “admite”, “confessa”, “revela”, “assume”.

Orientação 5

Reforçar a dimensão traumática deste tipo de violência e crime

A violência sexual é uma experiência potencialmente traumática que pode ter consequências devastadoras na vida da vítima. Incluir, nos textos noticiosos, a dimensão traumática e o seu impacto, ajudará o público a compreender de que não se tratam de “práticas sexuais pouco satisfatórias” ou “experiências sexuais que correram mal”, sem repercussões profundamente danosas na vida das vítimas de violência sexual.

O impacto de um evento traumático é diferente de pessoa para pessoa. Assim, não se deve comparar casos de abuso e hierarquizar experiências de violência sexual. Estas comparações promovem a desvalorização de determinadas formas de abuso e reforçam a ideia errada de que só é abuso sexual quando o abusador é violento ou se se verificam lesões físicas e atos consumados.

Se necessário, inclua ou enumere algumas das consequências mais impactantes ou comuns desta forma de violência, nomeadamente a possibilidade de muitas vítimas desenvolverem Perturbação de Stress Pós-Traumático.

USE

uma linguagem que transmita e espelhe a gravidade e severidade do crime de violência sexual, e que reflita a dimensão traumática do evento ou eventos.

EVITE USAR

- expressões que minimizem o crime de violência sexual e transmitam a ideia de que algumas formas de abuso são menos graves do que outras: “A vítima saiu ileso”, “A vítima não ficou ferida”, “Tratou-se apenas de uma tentativa de violação”.
- comparações entre casos e histórias de violência sexual que desvalorizam formas de abuso.

Orientação 6

Evitar semear a descrença nos eventos ou no discurso da vítima

O uso excessivo de termos como “alegada vítima” e outros semelhantes, podem transmitir descrença face aos relatos da vítima, sugerindo que a mesma pode estar a mentir. É, por isso, importante o recurso a uma linguagem que não coloque em causa a vítima e que enquadre a informação que ela partilha.

USE

termos corretos de acordo com o caso. Nas situações em que um crime não está provado é importante atribuir as palavras a um sujeito específico. “De acordo com...”, “Foi relatado por...”, “A vítima afirma que...”, “Segundo as investigações realizadas...”, “X acusa Y de a ter violado”, “o MP investiga a denúncia de X contra Y”.

EVITE USAR

de modo excessivo expressões como “alegada vítima”, “a vítima alegou” ou “alegadamente”.

Orientação 7

Recorra a pareceres técnicos e informações validadas

Integre pareceres técnicos e de profissionais ou de entidades especializadas que ajudem a explicar e a compreender este tipo de violência, o seu impacto para as pessoas vítimas desta forma de violência e a perspectiva da vítima.

Refira dados estatísticos que enquadrem os casos noticiados, como por exemplo, da Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA), do Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE), da Organização Mundial da Saúde (OMS), da Amnistia Internacional (AI) ou do Conselho da Europa (CoE). Faça referência como por exemplo: «Segundo o Conselho da Europa, uma em cada cinco crianças é vítima de alguma forma de violência sexual» ou «De acordo com o Conselho da Europa, estima-se que em 70% a 85% dos casos, o abusador é alguém que a criança conhece e confia.» Recorrer a estatísticas, além de dar mais credibilidade, contribui para uma visão mais completa destes crimes e para a compreensão da dimensão sistémica dos mesmos.

Valorize fontes com informação validada como artigos, investigações, documentários, programas e medidas políticas, organizações e especialistas que trabalham nesta área para fornecer um conhecimento mais rigoroso e construtivo sobre este tema.

USE

- pareceres de profissionais, especialistas ou de entidades especializadas, para fortalecer a notícia com informação correta e que informe o público da dimensão traumática e do impacto da violência sexual nas vítimas.
- dados estatísticos de entidades oficiais e referenciais para enquadrar este tipo de crimes.

EVITE USAR

- opiniões não relevantes como de vizinhos ou conhecidos da vítima ou do abusador.
- pareceres de pessoas identificadas como especialistas pela sua profissão (psicologia, criminologia, psiquiatria, magistratura, OPC, etc.), mas que não têm conhecimento especializado em violência sexual, em trauma ou em crimes sexuais.